

ETNOMATEMÁTICA E A VALORIZAÇÃO DOS SABERES CULTURAIS

ROSSANA DANIELA CORDEIRO LEIRIA¹; VILMAR ALVES PEREIRA²; NEIVA AFONSO OLIVEIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas – rossanaleiria@yahoo.com.br

²Universidade Federal do Rio Grande – vilmar1972@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – neivaafonsooliveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os escritos que seguem visam partilhar as discussões sobre a temática da Etnomatemática e da Educação Popular, vinculadas à pesquisa em andamento no Mestrado em Educação na Linha de Pesquisa Filosofia e História da Educação. Atentos à valorização dos saberes popular e da cultura, buscamos perceber como o cotidiano dos grupos sociais assumem destaque na elaboração das ações pedagógicas. Nossa problemática consiste em compreender como a concepção de Etnomatemática e Educação Popular, que valorizam os saberes pertencentes à vida dos sujeitos, podem contribuir para a problematização e tomada de consciência sobre a realidade de forma que seja agregada a produção de sentido aos conteúdos escolares. Em meio aos estudos bibliográficos, adotamos a categoria cultura como forma de organização dos conceitos emergentes em ambas as concepções, de forma que possamos compreender as associações existentes entre as referidas concepções.

2. METODOLOGIA

Ao abordar a temática da Etnomatemática e Educação Popular, este versa em estudos de cunho bibliográfico. Nesse sentido, buscamos a interpretação de textos, entrevistas, palestras e discursos presente em relatos de ações educativas gravadas e compartilhadas em espaços das redes sociais.

Nesse viés, para interpretação dos materiais, temos por metodologia a *hermenêutica filosófica* (Gadamer, 2012) que nos auxiliaram na compreensão do sentido dado aos discursos teóricos. Ao assumirmos uma postura hermenêutica, compreendemos que esta dialoga com questionamentos elencados pelas concepções em estudo, ao problematizar a racionalidade científica, os critérios de verdade da ciência e dos conhecimentos cientificamente validados pela academia.

É nessa medida que a hermenêutica filosófica marca sua posição contra um modo exclusivo de ter acesso ao conhecimento, admitindo outra racionalidade em que o fundamento da verdade não está nem nos dados empíricos nem na verdade absoluta; antes, é uma racionalidade que conduz à verdade pelas condições humanas do discurso e da linguagem. Nosso conhecimento tem raízes na prática das relações pré-científicas que mantemos com as coisas e as pessoas. Isso significa que nosso saber mantém vínculos estreitos com o mundo prático, antes de desenvolver qualquer tematização. Estamos, assim, desde já inseridos num mundo que constitui o horizonte em que se realizam nossos processos compreensivos (HERMANN, 2002, p.20)

Tais constatações legitimam as críticas à Ciência e aos Métodos Científicos atingirem o *status* de uma racionalidade exacerbada. Isto decorre do distanciamento das relações humanas na organização e sistematização dos conhecimentos, a ponto de o cientificismo separar o conhecimento científico do mundo prático.

Nesse sentido, ao perceber que a Educação Popular e a Etnomatemática possuem como imperativo o reconhecimento de que a produção de sentido frente aos conteúdos escolares e a própria condição social necessitam partir de associações com as experiências de vida dos sujeitos. Entendemos que o olhar da hermenêutica aceita novas formas de reflexão, o que permite ser um elemento importante na interpretação das teorias em estudo, assim como o contexto dos quais emergem as críticas dos pensadores que fundamentam as nossas discussões e nos possibilitam fazer associações e leituras por meio da categoria cultura presente nas temáticas em estudo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conhecer um dado grupo social envolve reconhecer seus costumes, rotina de trabalho, constituição e envolvimento político, sua religiosidade e até mesmo a presença de linguagem específica. E são estes saberes e fazeres do agente que possibilitam a vida em sociedade. Dessa forma,

O Programa Etnomatemático teve sua origem na busca de entender o fazer e o saber matemático de culturas marginalizadas. Intrínseca a ele há uma proposta historiográfica que remete à dinâmica da evolução de fazeres e saberes que resultam da exposição mútua de culturas. Em todos os tempos, a cultura do conquistador e do colonizador evolui a partir da dinâmica do encontro. (...) O Programa Etnomatemático não se esgota no entender o conhecimento [saber e fazer] matemático das culturas periféricas. Procura entender o ciclo da geração, organização intelectual, organização social e difusão desse conhecimento. Naturalmente, no encontro de culturas há uma importante dinâmica de adaptação e reformulação acompanhando todo esse ciclo, inclusive a dinâmica cultural de encontros [de indivíduos e de grupos] (D' AMBRÓSIO, 2010, p.45).

Nesse sentido, para compreender os comportamentos dos grupos sociais fazem-se necessário envolvimento e olhar sensível frente às motivações e formas de organização social. De forma contundente, procuramos encontrar meios que possam superar a dificuldade na compreensão dos conteúdos escolares,

Estou convencido de que as dificuldades referidas diminuiriam se a escola levasse em consideração a cultura dos oprimidos, sua linguagem, sua forma eficiente de fazer contas, seu saber fragmentário do mundo de onde afinal transitariam até o saber mais sistematizado, que cabe a escola trabalhar (FREIRE, 2013, p. 46).

Isto posto, entendemos que a educação popular tem em sua essência problematizar a realidade, ou seja, tem a cotidianidade como ponto de partida para chegar ao conhecimento mais elaborado. Essa cotidianidade se solidifica na cultura dos grupos sociais, que pode ser utilizada para promover a leitura crítica da realidade e possibilitar aos sujeitos pensar por si mesmos. Em ambas as concepções, percebemos a cultura como uma forma de organização social e de

ser no mundo. A conscientização sobre a realidade cultural pode promover a reflexão crítica sobre a sua relação em sociedade e ajudar na formação escolar.

Por outro lado, é inevitável pensar os espaços das escolas públicas como possibilidade de romper com as estruturas por meio da problematização do currículo escolar. Nestes momentos de resistência às opressões, não podem ser negados os conteúdos ofertados pela escola, mas cabe ao educador comprometido com os princípios da educação popular encontrar brechas para tornar este currículo crítico ao problematizar a sua intencionalidade. Concordamos com Freire & Shor (1986) ao afirmarem que,

Tanto o educador tradicional como o libertador não têm direito de desconhecer as metas dos estudantes de receber formação profissional e adquirir credenciamento para o trabalho. Nem podem negar aspectos técnicos da educação. Há uma necessidade real de especialização técnica, de que a educação, de uma perspectiva tradicional, ou libertadora, deve tratar. Além disso, a necessidade de formação profissional dos estudantes a fim de se qualificar para o trabalho é uma exigência real sobre o educador. [...] Para mim, o que não podemos sonegar aos estudantes de classe trabalhadora é o domínio de alguns princípios da gramática da classe dominante. Não dominar as formas elitistas só faria com que fosse mais difícil para eles sobreviverem na luta. O testemunho que deve ser dado aos estudantes, enquanto ensinamos as formas padronizadas, é que eles precisam dominá-las não só para sobreviver, mas, sobretudo para lutar melhor contra a classe dominante (1986, p.91).

As palavras acima reforçam que a Educação Popular não nega tampouco tende a romper com os saberes expostos pela academia. Ao contrário, é responsabilidade do educador promover ações educativas que favoreçam o aprimoramento dos sujeitos e em meio a isso encontrar formas de problematizar o mundo e suas desigualdades.

4. CONCLUSÕES

Ao compreendermos que a cultura é toda forma de manifestação humana, a concepção de Etnomatemática e Educação Popular atentam em suas argumentações o distanciamento existente entre os conhecimentos acadêmicos e a cotidianidade, ou seja, os conteúdos apresentados estão distanciados do mundo da vida dos sujeitos. Apontamos como resultado que a preocupação presente em ambas as concepções colocam o cotidiano como ponto de partida das ações pedagógicas, o que permite ao educando fazer associações iniciais até atingir gradativamente os saberes acadêmicos. Outra consideração a ser destacada é a percepção de que ao valorizar o cotidiano, ambas as concepções não negam o ensino do currículo presente na escola, pois negar essas abordagens seria uma forma de acentuar as desigualdades presentes na sociedade, seja por meio da exclusão escolar. Conseqüentemente, essa negação levaria a acentuar a exclusão social, pois os sujeitos teriam menos ferramentas para colocar-se no mercado de trabalho. Nesse viés, a valorização dos saberes culturais não subestima os conhecimentos acadêmicos, mas busca encontrar formas distintas de abordá-los de modo que aproxime esses conhecimentos, sendo o primeiro ponto de partida para alcançar o segundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática e educação**. In: KNIJNIK, G. WANDERER, F. e OLIVEIRA, C. J organizadores. Etnomatemática, currículo e formação de professores. – Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.p.39-52.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. **Medo e Ousadia- O Cotidiano do Professor**. 12º edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. – (O que você precisa saber sobre).

REZENDE, Antônio Muniz de. **Concepção fenomenológica da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.